REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 206

11 DE SETEMBRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ainda mais uma vez o cholera vem de novo occupar o logar principal da Chronica; elle, que nós julgavamos já affastado das columnas do OCCIDENTE e das fronteiras de Portugal, esconde-se malevolamente entre a bagagem de uma familia vinda de Argel — ao que se diz — e apparece-nos ameaçador em Alicante, Novelda, e outras provincias da Hespanha, a umas cem leguas do Algarve. Se effectivamente o microbio que grassa a estas horas pelas bordas do Mediterraneo é ou não o mesmo de Toulon, pouco importa saber e não seremos nós que discutamos a sua proveniencia asiatica, o mais importante, o peior, é que o cholera conseguiu, apesar da attitude da Hespanha, illudir todas as medidas sanitarias e introduzir-se nas suas provincias, pelo porto de Alicante, já que o não deixaram entrar pelo norte, que era tão pertinho de Perpignan. Quando a nação visinha se defendia heroicamente junto dos Pyreneus, o flagello entrava-lhe por Alicante dentro, muito bem embrulhado nas roupas brancas de uma familia indiscreta, e os nossos visinhos que começavam agora a agradecer a Richelieu o ter-lhes tirado Perpignan, e a gosar os doces fructos do celebre tratado dos Pyreneus, podendo dizer á Europa — a Hespanha não tem o cholera, — são quando, e de onde menos o esperam, atacados por cinco forasteiros que lhes levam o incommodo hospede.

O primeiro telegramma que a Agencia Havas transmittiu de Alicante produziu entre nós a mais triste impressão. A curiosidade publica que se fartára do microbio, que já não procurava avidamente, como no principio, as noticias de Toulon e de Turim, atravez as columnas do jornalismo diario, que por conseguinte já não falava sequer na epidemia, exactamente na occasião em que ella mais se desenvolvia por toda a Italia, dando saltos acrobaticos de Marselha para Bordeus e de Genova para Napoles, foi sobresaltada por esse telegramma que veiu accordar — na tranquilidade das vilegiaturas — o receio e a duvida, agora com um poucochinho mais de fundamento.

O governo comprehendendo bem esse receio, não tardou em promover as mais rigorosas medidas em toda a margem do Guadiana, para onde mais facil se tornava a transmissão do flagello, e com uma grande actividade, cuja ausencia seria n'este caso criminosa, acaba de ordenar outras muitas medidas com respeito ás communicações por Elvas e pela linha de Caceres. Folgamos em registrar o empenho honroso dos nossos poderes publicos em impedir, tanto quanto possivel, a visita do cholera; mas como, e felizmente, é de esperar que elle não consiga acclimatar-se na Europa, e desappareça um bello dia, não serão intempestivas, cremos, quaesquer considerações suggeridas pela marcha lenta, mas destruidora, que o mal tem seguido nos dois paizes mais fortemente atacados.

Na Italia principalmente, o numero de victimas, e sobretudo o numero de atacados tem sido até hoje desolador, duplamente triste porque tende a

MONUMENTO AO GENERAL MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA — ESTATUA DA HISTORIA, NO LADO POSTERIOR DO MONUMENTO
(Segundo uma phototypia de J. Leipold)

augmentar dia a dia As causas principaes d'esse augmento conhecem-n'as todos, uns por o terem visto, outros por o terem lido, aquelles talvez até um pouco mais superficialmente do que estes. Encontram-se na insalubridade das cidades italianas, n'uma palavra — na falta de aceio. Cidades na maior parte de construcção antiga, com ruas acanhadas e mal cheirosas, onde o ar atravessa a custo, não conseguindo adormecer por minutos sequer os miasmas destruidores, não podem deixar de servir de pasto abundante ao flagello. Este, que é difficilimo de combater, é no entanto muito mais facil de impedir. A renovação do ar, a limpeza continua de tudo quanto nos cerca, desde o fato que vestimos até ao solo que pisamos, tornam-se para isso indispensaveis, mas quando em vez d'essa renovação e d'essa limpeza, só tivermos para o receber, focos de infecção, um systema pessimo de esgoto, uma canalisação pôdre, finalmente quando passarmos a existencia dentro de uns cubiculos mal cheirosos, sitos n'umas ruas estreitas e porcas, o augmento do cholera é infalivel. A Italia, antes de se queixar da Providencia, tem por este motivo e muito de se queixar dos seus administradores, contra quem nós não ousariamos levantar essa accusação se a sua inhabilidade, a sua fraqueza se não se assimilhassem extraordinariamente, e ainda mal para nós, ás qualidades pelas quaes se recommendam os administradores municipaes do nosso paiz.

O que está succedendo em Napoles, em Genova, em Turim, primeiras cidades da Italia, deve traçar-lhes o caminho a seguir para impedirem que outro tanto succeda em Lisboa, no Porto, Leiria, em todas as terras de provincia onde, umas mais do que as outras, carecem de urgentes reformas de esgoto e de canalisação. Fiquemos na capital, para não irmos mais longe, mesmo porque faz muito calor para se fazer viagens, e digam-nos se ámanhã o cholera viesse até aqui, o que seria da população menos abastada que se refugia em casebres immundos por Alfama, pelo Bairro Alto, não contando já com as innumeras viellas, sujas e escuras, que se espalham aqui e alli por toda a cidade, no seu centro e até já em alguns dos novos bairros? A não ser que essa pobre gente peça ao governo — como espirituosamente pedia ha dias a um dos ministros um dos nossos escriptores mais distinctos — uma commenda ou um habito para deixar de pertencer ás classes baixas, indicadas nas estatisticas diversas do cholera como as mais frequente e seriamente atacadas do mal, o numero de victimas que o microbio deixaria na sua passagem por essas localidades, seria, como o é na Italia, como o foi em Toulon, horroroso.

Urge que os municipios accudam de prompto a este estado de cousas, insalubre, detestavel. Antes prevenir do que remediar e o horror que professamos pelas maximas do Monteverde não nos impede de ver, com mais prazer, que as nossas auctoridades remediando agora, se previnam amanhã contra a impossibilidade de nova visita epidemica.

Não basta, tratando de melhoramentos publicos, alongar a cidade, abrindo ruas largas e bonitas, é necessario tambem vigiar a maneira como cada particular faz a construcção do seu predio, examinando se elle attende a todas as condicções hygienicas. De que serve haver ruas novas se n'essas ruas as casas são mal construidas, com materiaes pôdres, um plano acanhadissimo de divisões, um systema deploravel de canalisação? De um dia para o outro essas ruas envelhecem porque ao ar bom que então alli se respirava, junta-se em breve o bafio que se exhala do interior das habitações, o fetido que sahe dos encanamentos, todos esses perfumes desconhecidos a Lubin ou a Godray, que prejudicam a saude, envenenando-a.

E com este minuciar do systema administrativo, approveitaria então o lado moral da questão, que está sendo como o de todas as questões politicas, scientificas e litterarias, bastante despresado pela imprensa. Desgraçadamente no nosso pequeno paiz, a politica domina todos os ramos da sociedade como se intromette atrevidamente em todos os planos administrativos, desde os decretos governamentaes até ás resoluções das irmandades do Santissimo; e como a politica é — mas podia muito bem deixar de o ser — por si só apaixonada, enthusiasta e portanto parcial e acintosa, a imprensa prefere a ter de guiar com o seu conselho sensato e recto os planos das collectividades, em tudo quanto diga respeito ao bem publico, o exaltar ou o insultar os individuos que as compõem. O jornalismo politico conhece apenas uma doutrina absoluta, extrema, não admittindo outras idéas pelos homens que nos governam, que não sejam a admiração ou o odio, alcunhando-os hoje de imbecis scelerados e amanhã de talentos geniaes, conforme os graus que o thermomotro constitucional marca sobre a sua sahida ou entrada no poder. D'ahi provém necessariamente a desorganisação completa do serviço publico e os administradores municipaes encontrando-se apenas em frente de uns jornaes que lhes assopram a vaidade e de outros que lhes ferem o caracter, comprehendendo em consciencia, e muito bem, que nem uns nem outros dizem a verdade, em vez de fazerem administração fazem politica e em vez de tratarem de melhoramentos publicos tratam apenas de criar empregos. Esta é uma verdade bem palpavel, bem triste, que tem conduzido os nossos costumes a uma posição impossivel, insustentavel mesmo perante a moral.

Note se: não nos queixamos dos homens, lastimamos apenas os costumes; e como seria facil, no entanto, remediar estes! Bastava apenas — aquelles quererem.

A politica deve ter um ideal muito mais alevantado e nobre do que o de promover intrigas, amesquinhar reputações, espalhar ditos de soalheiro que nos recordam os saguões da baixa e que em breve obrigarão todos os homens honestos, de valor, a abandonal-a, como medida hygienica para o seu caracter, da mesma fórma que hoje se foge de um saguão para bem da hygiene do nosso corpo. Muito felizes se devem considerar os nossos politicos, do cholera não nos ter ainda visitado. Respirando uma atmosphera tão viciada e suja, difficil será fugir ao mal.

A nós basta-nos só a lembrança. Depressa... um desinfectante para a chronica!

Prepara a cidade de Anvers uma exposição universal para maio proximo e, segundo consta, convite identico ao que foi dirigido a todas as nações do mundo, recebeu Portugal. O nosso governo porém deliberou abster-se de concorrer a esse certamen do trabalho universal, que hade ter forçosamente uma grande significação real para o commercio da Europa, e o nosso paiz que em 1883 abandonou completamente a exposição colonial de Amsterdam, exactamente quando a questão das colonias mais estava preoccupando o mundo civilisado, ver-se-ha obrigado a não ir expôr, pelo menos officialmente, em Anvers os diversos productos do seu commercio e da sua industria. Essa abstenção julgamol-a um grande erro, porque despreza as melhores occasiões de provar ao estrangeiro a nossa vitalidade, como nação commercial e colonial. Anvers hoje está sendo por assim dizer o *rond point* do commercio da Europa continental; o nosso concurso na exposição não se limitava por isso ás vantagens, que são enormes, de concorrer a um certamen universal, ia mais longe porque ia apresentar dentro de uma cidade excessivamente commercial, cujas transacções nos podem ser utilissimas, alguns productos até hoje totalmente alli desconhecidos, o que sem duvida nos prepararia para o futuro uma exportação importantissima.

O governo fez mal. Agora que nas principaes nações tão injusta está sendo a imprensa comnosco, ao tratar a questão do Congo, agora que Stanley impelle contra nós as hostes inimigas, recusamo-nos a mandar á Belgica — no seio da qual floresce a Associação internacional africana, alma de toda essa guerra — as provas evidentes da nossa nacionalidade trabalhadora, intelligente e livre.

Uma das vantagens reaes, immediatas do nosso concurso, era tornar conhecidos lá fóra os nossos vinhos, já apreciados devidamente em alguns paizes onde essa apreciação vae até, pela falta dos productos *verdadeiros*, á imitação, á contrafacção. Não exportamos o vinho que podiamos e que tinhamos mesmo, em vista das condições especiaes da nossa viticultura, obrigação de exportar. Abandonamos completamente essa fonte de riqueza, segura, inevitavel, e o estrangeiro, que é muito mais esperto, que é, sobretudo, mais commercial que nós, recorre então ao unico meio que lhe deixamos livre, o unico contra o qual só poderemos protestar amanhã se conseguirmos uma exportação rasoavel de vinho — á contrafacção. O que os nossos viticultores não fazem, faz um letreiro falso collado a uma garrafa preta. E a qualidade excellente dos nossos vinhos apparece então lá fóra adulterada, falsa, com o risco de, quando ella fôr verdadeira e fôr boa, ninguem a querer, julgando-a uma contrafacção.

Lemos algures que uma commissão de iniciativa particular se vae organisar para tratar da nossa representação na exposição. Se assim fôr, estimamos deveras, mas prefeririamos que essa iniciativa partisse do governo. Não partiu. Paciencia.

Vae já longa esta chronica, que terá, entre outros defeitos, o de desagradar a muita gente. Que fazer?! Tudo, n'este mundo, tem duas faces diversas, a que agrada a uns não agrada a outros. Até o vento que — na phrase sublime de Herculano — sendo do sul, «é meigo para a arvore que veceja no recosto septentrional da montanha e açoute da que vegeta no pendor opposto.»

Ah! perdão, actualmente ha uma cousa que deve agradar a todos os leitores: a vinda da Judic, a excepcional actriz franceza, que é o astro mais brilhante do mundo da opereta.

É verdade que no tempo de Herculano, ella ainda não era astro. Tambem só o grande talento de uma mulher muito bonita póde agradar a todos... os homens.

Nao é verdade, leitora?

João Costa

AS NOSSAS GRAVURAS

O MONUMENTO

AO GENERAL MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

Já em o nosso numero 203 de 11 de agosto ultimo demos conta do acto solemne da inauguração d'este monumento, obra insigne de um dos mais insignes artistas italianos d'este seculo, João Ciniselli, que findou os seus dias na execução d'esse importante producto do seu genio.

A idéa originaria d'este monumento pertence a um amigo do marquez, e foi lançada ainda em vida d'este.

A 21 de agosto de 1874 fallecia Luiz Teixeira Homem de Brederode, deixando na mão do sr. duque de Palmella, seu sobrinho e primeiro testamenteiro, a quantia de 400$000 réis para principio d'esse monumento.

A 6 de janeiro de 1876, falleceu o marquez, e n'esse mesmo dia, o sr. Simão José da Luz, escrevia uma carta ao *Diario Popular*, em que lembrava a conveniencia da erecção d'esse monumento, e juntava á offerta de Luiz Teixeira, a sua propria de 600$000, prefazendo as duas um conto de réis.

Em seguida o sr. duque de Palmella convidava varios cavalheiros para se constituirem em commissão, afim de levarem á pratica aquelle pensamento, e no dia 11 do mesmo mez de janeiro, cinco dias apenas, depois da morte do marquez, constituia-se a commissão em uma das salas do *Banco de Portugal*.

Immediatamente se começou a promover a subscripção publica para o monumento, em Portugal e no Brazil, e alguns personagens extrangeiros, admiradores de alguns actos importantes da vida do marquez, tambem vieram offerecer á commissão o seu importante concurso; a lista dos subscriptores e essas offertas podem ver-se no livro que sobre este assumpto publicou o sr. Henrique de Barros Gomes.

A 16 de abril de 1880 abria-se um concurso dentro e fóra do paiz para um projecto do monumento, e a 9 de novembro d'esse anno, em uma sala do edificio da Escola Polytechnica de Lisboa, abriam-se os volumes que continham os projectos, modelos e photographias enviadas.

Eram quatro os projectos e coube a escolha ao mais formoso d'elles, cujo auctor era João Ciniselli, de Roma, esculptor já vantajosamente conhecido por obras d'arte importantes.

Adjudicada a execução do monumento ao referido artista, veiu este pouco depois a Lisboa, para fazer uma idéa do local, tomar outras notas, e inspirar-se um pouco n'este esplendido quadro do Tejo que o maravilhou. N'esta cidade a 28 de maio de 1881 assignou o contrato da execução do monumento.

Com a actividade que o distinguia e o desejo de vêr o seu nome glorificado, e ainda mais pela sympathia que lhe merecia o assumpto dedicou-se Ciniselli a executar a sua obra, mas falleceu quando ainda não estava completamente terminada.

Comtudo a 4 de abril de 1882 collocava-se na praça de D. Luiz, no Aterro da Boavista, a pedra fundamental da base do monumento. Aproveitamos a occasião de lembrar que Sua Magestade não extranharia, e até estimaria que á praça se pozesse o nome do personagem que o monumento glorifica.

A 12 de maio de 1883 ás 8 horas da noite fallecia em Roma, de um padecimento cardiaco, o infeliz artista João Ciniselli com cincoenta e um annos de edade, na força do talento.

Estava fundida a estatua; outros pormenores estavam promptos, mas é verdade que para a completa execução do monumento faltou o ultimo

sopro, o ultimo toque do cinzel do artista. O monumento consta de tres partes: a base, o pedestal e a estatua, ou grupo principal. A base é formada por tres largos degraus. O pedestal compõe-se de um plinto geral, sobre o qual assentam estatuas ou grupos alegoricos, e o corpo do pedestal é revestido nas duas faces lateraes de baixos relevos reproduzindo factos da vida do marquez: o ferimento em Vielle, a mutilação no alto da Bandeira, o desembarque em Villa do Conde, a retirada para a Galliza; — corôa o monumento a estatua do marquez, empunhando a bandeira, symbolo da liberdade, no qual tambem um genio empunha um facho, que representa a luz que dimana da liberdade. A figura do marquez, além de não reproduzir o homem que todos conhecemos, alto, erecto, e perfeitamente secco, nos pormenores dos uniformes tambem não condiz verdadeiramente com epocha nenhuma. O genio parece um pouco acanhado. Se porém esta parte principal pecca por estes defeitos, os pormenores são soberbos: a estatua da historia que assenta na parte posterior, tem todo o porte sereno da imparcialidade; a mulher que na parte anterior aponta ao filho o apostolo da emancipação dos escravos, tem tambem muita propriedade; os dois leões que ladeam o pedestal um prostrado, outro no acto de erguer-se, não vencido, são de pasmosa execução, e os baixos relevos, em marmore de Carrara, tambem são bellos.

O monumento porém não produz o effeito que devia produzir. Não foi bem calculada a sua altura, de modo que as figuras apresentam á vista um tamanho acima do regular, e a praça é pequena para aquelle agrupamento de figuras. Em uma praça pequena só fica bem uma estatua simples como a do duque da Terceira ou de José Estevam.

Não obstante estes pequenos senões o monumento honra o artista e a nobre commissão que promoveu e levou a cabo a obra de respeito, homenagem e gratidão, ao soldado valente, ao estadista honesto, e ao apostolo da extincção completa da escravatura.

THEATRO OLIVEIRENSE
EM OLIVEIRA DE AZEMEIS

É de modesta aparencia este theatro, mas nem por isso deixa de ser um symptoma de civilisação que se vae espalhando por todas as terras da provincia.

Foi em 1851 que um grupo de amadores dramaticos se reuniu para levarem a effeito a construcção de um theatro em Oliveira de Azemeis, abrindo uma subscripção que chegou a oitocentos e tantos mil réis. Com este recurso e os mais que foram obtendo conseguiram levantar o theatro de paredes, telhado e caixa tendo que parar com as obras por falta de meios.

Entretanto, mesmo assim por concluir, alli se deu uma recita de amadores em 7 de junho de 1855, seguido-se depois outras, com o producto das quaes se fizeram mais algumas obras no theatro.

Em 1861 a camara municipal tomou vinte acções na importancia de cento e tantos mil réis, com o que se continuaram as obras, ficando ainda por concluir até hoje, apesar da actividade dos cavalheiros d'aquella villa os srs. dr. Bento Guimarães e José da Silva Guimarães que tem empregado toda a sua boa vontade para a conclusão do theatro.

O theatro comporta 400 pessoas repartidas pela seguinte fórma. Platéa 160, galaria 50 e nos doze camarotes de 1.ª ordem e treze da 2.ª ordem 290 pessoas.

CLUB PORTUGUEZ DE ESGRIMA
NO RIO DE JANEIRO

Esta sociedade fundada ha alguns annos por portuguezes residentes no Rio de Janeiro, funcciona em uma casa da rua de S. Pedro onde possue uma vasta e bem acondicionada sala d'armas e gymnasio, que é frequentadissima, não só pelos portuguezes, como brazileiros e extrangeiros de todas as nacionalidades.

Foi mestre de esgrima n'este instituto o professor francez Mathieu, que morreu, deixando optimos discipulos entre os quaes se distingue o sr. Vieira de Castro. É este cavalheiro que hoje dirige os exercicios de esgrima n'este gymnasio.

O Club portuguez de esgrima gosa das maiores sympathias na capital onde tem conseguido desenvolver o gosto pelo cultivo da esgrima e exercicios physicos em geral.

O desenho que o OCCIDENTE hoje publica, é copia de um excellente quadro do sr. C. A. Barradas, que residiu por alguns annos no Rio de Janeiro e percorreu depois quasi todo o Imperio.

O OCCIDENTE publicará mais alguns trabalhos d'este habil artista.

MOEDAS DE COBRE DO REINADO
DE D. PEDRO II
QUE RETIRAM DA CIRCULAÇÃO

As moedas de cobre do reinado de D. Pedro II são as mais antigas que se conhecem hoje em muito rara circulação.

Ha varios cunhos com a data de 1682, 1683 e 1688 que deviam ter sido ensaios, pois moeda corrente só é a que tem a era de 1699, e mandada pôr em curso por alvará de 17 de fevereiro de 1699 o qual declara não se poder fazer com esta moeda pagamento superior a um tostão (1).

As moedas cunhadas são do valor de dez, cinco e tres réis havendo ainda a de um e meio real que já hoje difficilmente se encontrará, assim como as outras tres moedas tambem são muito raras tendo actualmente o valor estimativo para os colleccionadores, de 6$000 cada uma.

Com a publicação das moedas de cobre do reinado de D. Pedro II terminamos a collecção das moedas de cobre que retiram da circulação e que principiámos a publicar em o n.º 170 do OCCIDENTE, a proposito da nova moeda auxiliar, de que tambem demos noticia e gravuras em o n.º 168.

(1) *Discripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, por A. C. Teixeira de Aragão, tomo 2.º, pag. 67.

O MARECHAL DE CAMPO
LUIZ DE SÁ OSORIO DE MELLO MENDONÇA
E ALBUQUERQUE

Por falta de clareza nos apontamentos que serviram de base ás notas biographicas que d'este illustre militar publicámos em o numero antecedente, sahiu errada a filiação, pois que Manuel de Sá Osorio de Mello Mendonça e Albuquerque era irmão do biographado e não pae, como alli se disse.

O marechal de campo Luiz de Sá Osorio de Mello Mendonça e Albuquerque, era filho de Caetano Osorio d'Aragão Pacheco e Vilhena, fidalgo cavalleiro da casa real e capitão-mór de Celorico da Beira, e de D. Francisca de Vasconcellos Sá Mendonça de Mello Cabral e Albuquerque.

A SECÇÃO MARGIOCHI

NA EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

Seja o titulo da gravura, que n'uma das anteriores paginas do OCCIDENTE representa a installação do expositor distincto, o que nos sirva a nós, tambem para mais completa ligação do trabalho artistico com a phrase que lhe damos hoje.

Tratamos d'esta installação sem nos prendermos com o que seja a occasião em que o fazemos. O que ha de ephemero no enthusiasmo das festas, apenas se torna util quando n'ellas encontramos forte rasão e energico impulso aos progredimentos em que nos empenhamos, gostosos da vida, cheios de fé no futuro, e consagrando no altar grandioso do progresso, a viva energia que o seu credo reclama do homem e das nações.

É por isto que na extensa gamma dos esforços individuaes, que tal energia traduzem, a revelação de um d'elles, embora ligado á harmonia d'essas festas, pode algumas vezes ficar como diapasão que nos dê em qualquer momento a nota mais saliente d'essas mesmas harmonias.

Que ainda mesmo que tal revelação não significasse tanto, seria sempre de ver comtudo qual fôra o seu valor na sua forma tangivel, qual n'uma accepção moral a sua significação.

Alludimos, n'estes dizeres, ás condições particulares da secção *Margiochi* visto que individualmente foi n'ella que se revelou, principalmente, um verdadeiro interesse agricola pela exposição agricola.

Affirmar este facto é dizer ao mesmo tempo que as festas destinadas a decorar o trabalho nacional ou a intelligente iniciativa do capital em beneficio do progresso da nossa terra, não são simplesmente chuva de alegrias ruidosas, passatempo ephemero proprio a embalar os ocios, mas, mais do que tudo isto, poderoso estimulo que deixe no espirito a grata impressão d'um ensinamento colhido no espaço ridente em que rebrilham, nos seus tons mais valiosos, as boas affirmações da paz e do progresso.

*
* *

Ao deparar com a installação de que tratamos, não houve de certo visitante algum que não se julgasse transportado ao seio da herdade alemtejana, subordinada a um regimen de methodica exploração conducente ao fim do racional e progressivo aproveitamento da riqueza da terra na região famosa dos latifundios.

A zona da charneca e dos montados tem n'esta sua dupla feição caracteristica, cambiantes notaveis d'aridez desoladora e de valiosa riqueza agricola. Ahi, onde os suões abrazadores levam da vestimenta da terra os seus mais mimosos ornamentos, como que reagem contra elles culturas essencialmente ricas, embora não sejam altamente colonisadoras.

Estas condições todas, que vão sendo exploradas mais em harmonia com os recursos que já hoje auxiliam a empresa agricola, não deixam comtudo de predominar na sua natural intensidade em alguns pontos da mesma zona.

São estes que se abrem á pastoreação do gado, facto que n'uma parte do Alemtejo é de certo ainda uma das caracteristicas da sua agricultura.

Lembrando-o, e com elle a feição climatica da região, aquelle typo de construcção rural reproduzido na segunda folha, das quatro que formam a gravura da secção Margiochi no OCCIDENTE, é portanto uma definição

É um ovil aberto; de forma rectangular, apresentando a cobertura tantas secções quantos os lados do rectangulo e cobrindo, em largura, o espaço necessario para que ao centro do ovil fique a descoberto um pequeno pateo.

N'estes termos, como é facil de ver, o arejamento dá-se no seu maior desenvolvimento, não havendo tambem mais do que uma simples cortina entre os prumos ou pilastras que sustentam os tectos. Ar, luz, e sombra — em quanto vae lá fóra ardente e abrazador o estio tisnando a charneca — os terá o rebanho, ao abrigo que lhe forma este ovil.

Auxiliar indispensavel á mais cuidadosa e bem regrada exploração do gado lanigero, o ovil que o abriga tem de ser uma construcção que se aperfeiçoe, á medida que melhoramentos e modificações culturaes forem sendo introduzidas na propria exploração que o mantem.

Parece bem que seja para revelar taes intuitos, afóra a immediata necessidade que tem de satisfazer como indicámos, que ora vemos incluido n'este conjuncto o ovil que nos seus traços principaes acabamos de descrever.

As duas outras construcções que a gravura representa, accentuando bem o estylo rustico, representam-n'o na sua maior simplicidade, definida n'esse traço largo que é simultaneamente economico e hygienico. A primeira d'ellas, a habitação do gado de trabalho, demonstra o que fica dito. O tecto multiplo, que visto no alçado da fachada, dá á mesma habitação o aspecto de dois edificios contiguos, afigura-se-nos acceitavel no tocante a elegancia, e, permittindo um maior arejamento pela especial construcção da cobertura, corresponde ao que sob o ponto de vista hygienico melhor vae d'accordo com o clima da região alemtejana.

Não cabem largas apreciações sobre o assumpto de construcções ruraes nas paginas do OCCIDENTE. Muito demoradas mesmo nos parece agora que tenham sido as que ficam já mencionadas. Deixando pois ao bom criterio dos leitores reconhecer o valor que n'uma exploração agricola de primeira ordem tem necessariamente os *hangars*, — como de uso se vae dizendo, — para armazenagem do material agricola, e dos productos de laboração da terra, o que fica tambem indicado na gravura, só temos a considerar a secção *Margiochi* em relação a outros valores — os da producção do solo.

*
* *

Esses valores, em muitos dos seus differentes typos, formam a parte technologica da installação.

Sob o tecto do *hangar* e dispostos, segundo a sua natureza, ou nos compartimentos envidraçados das *etagères*, ou em frascos, campanulas e garrafas de crystal ou, finalmente, como as palhas, as pranchas de cortiça, as beterrabas, etc., ornamentando-o tambem, completam a demonstração da feição economico-agricola da propriedade rural, representada em differentes cartas topographicas e plantas da distribuição das cul-

MONUMENTO AO GENERAL MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA, NA PRAÇA DE D. LUIZ, EM LISBOA (Segundo uma phototypia de J. Leipold)

turas, das edificações geral e parcialmente consideradas.

A importancia da parte technologica póde tomar-se sob differentes aspectos. Pela quantidade de producção que n'ella fique revelada em relação a um ou a todos os productos do solo, pela qualidade mais distincta de qualquer d'elles, ou sob este duplo aspecto, que e é o da verdadeira chuva d'oiro, mimos do progresso que trasbordam da cornucopia da abundancia.

E quando não seja tanto, na simples affirmação da iniciativa que n'ella vemos, é justo e util referil-o para que maiores se tornem as suas ulteriores demonstrações.

Dos oito grupos, que, segundo a organisação dada á Exposição Agricola de Lisboa, a constituiam, em cinco d'elles está mencionada a secção *Margiochi*. N'este numero não incluimos o que se refere á instrucção agricola; mas as licções que a constituem porventura na mesma secção as encontraremos exemplificadas.

Considerando apenas os factos da quantidade da producção notamos o seguinte:

No grupo I: — Producção annual — 150 hectolitros de vinho.

No grupo II: — Producção annual — 750 hectolitros de trigo; 900 de cevada; 1:000 de centeio; 400 de aveia; 105 de milho; — 120 de fava; 19 d'outros legumes; — 10:000 laranjas doces; — differentes conservas e condimentos; — lacticinios; 60 hectolitros de mel; 25 de hydromel; 300 kilogrammas de cera em bruto; — 150:000 kilogrammas de feno vulgar; 4:500 de luzerna; 40:000 de palha de trigo; 30:000 de palha de cevada; 69 hectolitros de bagaço de azeitona; 30:000 kilogrammas de beterraba; 1:500 de aboboras; 5:000 litros de azeite; — 1:000 kilogrammas de junça; — 3:200 kilogrammas de lã (anninho preto); — 100 kilogrammas de alfazema; — 20 kilogrammas da *Gallega officinalis*; 4 de sumauma.

Theatro Oliveirense, em Oliveira d'Azemeis

(Segundo um desenho communicado pelo sr. J. da Silva Praça)

No grupo III: — Gado cavallar, muar, bovino, caprino e suino e aves, notando-se mais que nos equideos *(equus caballus)* e bem assim nos bovinos, figuravam animaes de creação e outros destinados a trabalho.

No grupo VI: — As construcções ruraes de que tratamos n'este artigo, e outras, mais ou menos importantes, de hydraulica agricola.

No grupo VII: — Os productos florestaes de primeira ordem representando a exploração do *Quercus suber* e do eucalypto.

Da primeira essencia florestal, principalmente, os productos corticeaes apresentados corroboram o que dissemos antes relativamente á situação da importante propriedade rural, cuja representação na exposição agricola de Lisboa deve ser mencionada com justo e merecido louvor á correcta interpretação dada, por esta fórma, aos preceitos fundamentaes da boa organisação d'estas revistas, em que figuram os mais valiosos elementos do progresso nacional.

Sala d'armas no Club Portuguez de Esgrima, no Rio de Janeiro — quadro de C. A. Barradas

A gravura representa tambem como um dos traços mais salientes da installação descripta, aquelle tronco robusto, perdida já a copa frondosa, e como que amparado na sua vetustez pelas espias que o mantem erecto.

Elle representa apenas o descortiçamento de uma sobreira, notavel, segundo observámos, não pela constituição da cortiça, mas para demonstrar a elasticidade d'este corpo, que, como producto da exploração de importantes zonas agricolas do paiz, constitue uma das suas mais importantes riquezas.

F. Julio Borges.

A ULTIMA EXPOSIÇÃO

(Concluido do n.º 205)

Marques d'Oliveira é, emfim, uma forte individualidade, com que o actual remoçamento da arte portugueza póde contar.

Do Porto mandou tambem alguns quadros o sr. Marques Guimarães, artista de merecimento palpavel, abundantemente manifestado n'um excellente retrato de velha senhora. É d'uma naturalidade perfeita, transpirando vida na doce passividade bondosa das idades longas; e a maneira por que, a par de accessorios vigorosamente pincelados, foram reproduzidos aquelles captivantes e vincados traços physionomicos, e desenhadas as brancas mãos encordoadas de tendões, basta para pôr em relevo um pintor de pulso, — que, de certo, não descahe n'uns pequenos estudos de paysagem, e menos ainda n'uma interessante «natureza morta», em que, sobre uma grosseira mesa de cosinha minhota, se vê a cabeça decepada d'um pobre cevado victima da *matança* recente, tendo ao pé a afiada faca do supplicio e um alguidar vermelho onde o sangue coagula. Lambo saudosamente os beiços ao pensar no melado sarrabulho que com esse bom sangue se vae fazer, e deixo-me ir lembrando, á vista d'este quadro d'uma feroz simplicidade realista e aldeã, das frias manhãs d'inverno em que, aninhado á lareira, eu vigiava gulosamente os gordos torresmos, que na certã negra chiavam chouriscando sobre um esperto lume dourado.

Entre outros quadros já vistos, Malhôa apresentou dois retratos, em que canta vivamente em azul maior. N'um, apparece-nos um galante menino louro mascarado em costume azul, e tendo por fundo uma cortina d'igual côr, — uma fartura de tintas celestiaes a procurarem difficuldades d'execução que não me impressionam; e no outro, ha uma alegre cabeça de senhora, de frescas faces acerejadas, a qual é soberbamente pintada; mas fará pena que venha a afogar-se no ondulado mar d'azul que lhe serve de fundo extravagante. Pinto fez um notavel progresso no seu quadro *Na horta*, cuja verdejante e humida paysagem é tocada com uma largueza por este artista não usada. Os srs. Felix da Costa e Ferreira Chaves expuzeram varios retratos apreciaveis, ainda que geralmente postos em rigidas attitudes photographicas, e desprovidos do indefinivel quê sem o qual não ha o attrahente interesse verdadeiramente artistico. Noto que alguns artistas de real valor apresentaram obras que lhes fazem umas compromettedoras ausencias; e, depois de passar em silencio nada reverente por diante d'uns pintores de velha fama que se obstinam em massar-nos com as suas télasinhas pueris, começo a não ver na tão concorrida exposição senão uma numerosa e inoffensiva turba d'insignificantes, e debutantes em obras decisivas, e curiosos humildes. Devo, porem, menção aos trabalhos do paysagista dilectante visconde d'Athouguia, que me parece um artista de raça, apesar de ainda não ser senhor do *officio*; e aos do sr. Greno que, em opposição apropositada, se mostra nos seus variados estudos de figura um passivo copiador de modelos pacatos, sabendo, comtudo, dar-lhes uma agradavel factura moderna.

Quatro senhoras, D. Maria Augusta Bordallo, D. Bertha de Ortigão, D. Guilhermina F. da Costa, e D. Josefa Greno, ramalhetáram elegantemente esta exposição com interessantes quadrinhos de flôres, ricos de boas qualidades; e as duas primeiras d'estas artistas — voluntarias e distinctas expuzeram tambem, na amavel companhia de el-rei D. Fernando, algumas bellas pinturas em faiança.

Entre os expositores de pequenos estudos d'aguarella, — que é a aguapé da arte, prestando-se certamente a bonitas obras, delicadas, graciosas e ás vezes mesmo consideraveis, mas nunca a grandes obras, — os srs. Hogan e visconde de Coruche, tinham trabalhos estimaveis. Na exposição de gravuras, brilhou o sr. Severini quasi isoladamente; e na de projectos architectonicos, avultava sobranceiramente o do sr. José Luiz Monteiro para o edificio do Lyceu de Lisboa, bem estudado modelo para uma ampla construcção elegante e moderna d'um alegre aspecto; e foi talvez para não exorbitar d'algum rebarbativo orçamento limitado que o notavel architecto não cortou a monotonia da principal fachada ennobrecendo-a, por exemplo, com um corpo central.

E vamos á esculptura, que occupava modestamente um curto espaço. A exposição de Soares dos Reis representava imperfeitamente o artista applaudido, que ha poucos annos ainda teve em Madrid, n'um concurso internacional, o pregão de primeiro estatuario d'esta boa peninsula ensoalhada e propicia á vinha. No busto colossal em gesso de Francisco d'Almada o grande artista seguiu, evidentemente, tão de perto qualquer velho retrato a oleo chato e balofo do homem illustre, que o seu trabalho ficou tambem um tanto achatado; mas lá está o valente e sabio modelado proprio do mestre, que, demais, fez do pequeno busto de Marques d'Oliveira uma obra d'arte d'uma superior distincção.

O *Camponez napolitano*, busto em gesso colorido do sr. Moreira Rato, é feito com uma grande franqueza reveladora do talento original do novo esculptor; mas embora seja engraçado o seu rapazito *Flaneur*, estatueta em barro cozido, parece indicar no sr. Rato uma tendencia para o amaneiramento embusteiro, que não póde ser-lhe senão desserviçal.

Um outro esculptor novo, o sr. Lima dos Santos, apresentou na estatua de Alvaro Abranches, que «sahindo do senado acclama D. João IV, rei de Portugal». É um pedaço de homem bem posto, mas sem o natural movimento d'enthusiasmo, e cheirando um pouco ao modelo somnolento; comtudo, ha uns detalhes de roupas finas admiravelmente trabalhados, e vê-se bem que está aqui um artista.

E agora, pobre velha *Sociedade* moribunda, fico esperando, sem rancor, que o teu inutil corpo desça á escura valla hiante do esquecimento, para compassivamente lhe atirar a minha pásada — de indifferença

Monteiro Ramalho.

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

VII

Foi o desengano mais completo, mais formal, que ainda tive na minha vida!

Quando o sr. Barthélemy Saint-Hilaire me deu a noticia de que o buddhismo era uma religião atheista, logo imaginei, como é natural, que os seguidores de Buddha ouviam missa de chapeu na cabeça, de proposito para desfeitear o Ente Supremo; que tingiam de preto as corôas dos padres, para fazer judiaria á reacção, tirando-lhe a luz da claraboia; que tinham ataques epylepticos, de desespero, se calhava de ouvirem falar de milagres; finalmente, que se riam dos maleficios do Demo, com este riso irresistivel que nos provocam as gaifonas dos macacos.

Ora imaginem os senhores qual seria o meu espanto quando o proprio sr. Saint-Hilaire me diz, em outro livro (1), que é tudo exactissimamente do avesso! Elles, os bons dos buddhistas tem as suas solemnidades religiosas a que assistem cheios de fé, e onde de caminho se divertem a valer; tratam com a maior veneração, não só os padres, mas ainda os leigos, que se fazem beatos; temem os diabos, que se pelam, porque estão fir-

(1) *O Buddha e a sua religião* (3.ª edição) Paris, 1866.

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 205)

VI

A questão magna

— Vejam, vejam-se n'este espelho.

Era uma palmatoria, a menina dos cinco olhos como ainda lhe chamam o flagello, o açoite e o mais terrivel dos pezadelos da mocidade de então desde o *b a bá* até o *habes, habes, habere* do latim com *barba*.

D'este modo surprehendida a sr.ª D. Perpetua, esfregando phreneticamente o nariz com o seu lenço de vivissimo escarlate, exclamou:

— Ora que lembrança!

E ingenuamente concluiu:

— Para que serve isso?

O marido respondeu:

— Serve para castigar os que erram, e ensinar os ignorantes.

Os pequenos não tiravam os olhos da palmatoria, mas estavam todos de uma grande seriedade, sem tugirem, n'uma expectativa cheia de compostura e seriedade.

Alguns de mais precoce comprehensão, sentiam-se instintivamente tristes e faziam beicinho.

Gilberto proseguiu:

— Amanhã começam estes senhores a dar lição. Lá tenho dentro já os livros que são precisos, quasi uma bibliotheca, a pedra para as contas, o traslado para a escripta, emfim tudo o que me pediram. Agora acabaram-se os brinquedos, acabaram-se as corridas pelo quintal, acabaram-se as cavallices de escada abaixo, escada acima.

Era de abysmar!

O discurso de Gilberto estava prestes a annunciar o fim do mundo.

— Teem entendido?

D. Perpetua advertiu-o de passagem.

— O' menino, olha o pingo que te cae.

Elle sem attender á observação proseguiu com pasmo das creadas e terror das creanças, n'uma voz de papão, guttural, trovejante.

— Quero-os applicados ao estudo para saberem as suas lições, e não me roubarem o meu rico dinheiro que eu vou dar ao mestre que os vem ensinar.

N'isto voltou-se para D. Perpetua proseguindo:

— E a menina livre-se de me vir para cá fazer as *parinhas*, esse tempo já lá vae, nem consinto mais almoços na cama. Quando fôr para a repartição quero-os ver já todos a pé, e com a lição sabida, aliás esta é quem canta.

E alçou a temivel ferula.

— Ouviram?

Os pequenos de um escarlate vivissimo e de viseira cahida, responderam sacudidamente:

— Ouvimos, sim senhor.

Gilberto observou em ar de ameaça:

— Que maneiras são essas de responder? Desencoste-se da meza Joãosinho. Vamos, ouviram bem?

D. Perpetua entreveiu:

— Ora deixa as creanças! Deu-te hoje para ahi?

Gilberto poz-se no seu logar.

— Cale-se, faça favor, ande, metta uma rolha na bocca, e já que não sabe dar educação a seus filhos, não me prohiba de eu lhes transmittir a que recebi de meus paes.

D. Perpetua sorriu com certa incredulidade e levantou-se da meza.

As criadas foram para o vão da janella coxixar, e Gilberto preparou-se para voltar de novo á carga com os rapazes.

Para sobremeza não lhes podia offerecer prato mais appetitoso.

— O mestre já tem as minhas instrucções, e portanto é escusado virem para cá fazer lamurias nem queixumes: aquelle que lhe não andar direito é rachal-o, o que fôr bronco é deitar-lhe as orelhas abaixo, o que fôr madraço é arrancar-lhe a pelle!

— O Gilberto, acudiu D. Perpetua.

Logo porém se retrahiu:

O marido de ferula em punho, abriu-lhe muito os olhos, de uma tal maneira, que ella viu-o em geitos de lhe dar meia duzia de palmatoadas.

Credo!

— É arrancar-lhe a pelle, repetiu rancorosamente, e lá virá tempo em que

mememente persuadidos, que todos os males que affligem a humanidade vem da malicia dos *Yakhas*, isto é, dos demonios, contra os quaes empregam, n'uma cerimonia chamada o *Pirit*, os competentes exorcismos! Esta cerimonia dá occasião a uma devota festança de muitos dias, com a mais santa alegria de rapazes e raparigas (1).

A respeito de milagres, isso então nem falemos. São aos milhares, e mesmo d'aquelles vistos aos olhos. Gosam de grandissima estimação as reliquias, e as mais preciosas são os dentes do Buddha.

Para melhor se comprehender a indole singular d'esta religião athea, ahi vae uma lenda:

«Purna é o filho de uma escrava forra, a quem o seu senhor, perseguido pelas repetidas instancias d'ella, honrou com o seu leito, para a tornar livre. Educado na casa paterna, com tres outros irmãos, cedo se distinguiu pela sua intelligencia e actividade. Não sómente se tornou rico pelo commercio, mas tambem, tão generoso como habil, enriqueceu igualmente sua familia, do que não teve senão que applaudir-se. Embarcava muitas vezes por causa dos seus negocios, e as mais felizes especulações fizeram com que elle viesse a ser o chefe da corporação dos mercadores. Nunca nas suas viagens teve por companheiros do navio, que elle proprio commandava, negociantes de Çravasti, que liam em alta voz, nos livros santos, canticos e orações, textos que descobrem a verdade.

Purna, encantado de coisas tão novas para elle mal nhegou a Çravasti fez-se apresentar a Bhagavat por Anathapindiha, e abraçou a fé de que o seu coração já estava tocado. Entrado na vida religiosa, o proprio Buddha, ao qual se não póde fazer melhor presente do que levar-lhe um homem para converter, dignou-se instruir o neophito. Ensinou-lhe que toda a lei consistia na abnegação; e Purna, morto d'ahi em diante para o mundo, quiz ir viver, e fixar-se n'uma tribu visinha, a qual desejaria converter para a religião de Buddha, mas cujos interesses selvagens poderiam assustar uma coragem menos resoluta. Bhagavat tentou desvial-o d'este perigoso designio:

— A gente de Çronapavanta onde vaes fixar residencia, disse-lhe elle, são homens arrebatados, crueis, colericos, furiosos, insolentes. Quando essa gente, ó Purna, te dirigisse más palavras, grosseiras e insolentes, quando se embravecesse contra ti, e te injuriasse, que pensarias tu?

— Se a gente de Çronapavanta, respondeu Purna, me insultasse com palavras grosseiras e insolentes, se se enfurecesse contra mim e me injuriasse, eis aqui o que eu pensaria: São com toda a certeza muito boa gente estes de Çronapavanta, são gente meiga, porque me não dão murros nem me correm á pedrada.

— E se essa gente te désse murros e te corresse á pedrada o que pensarias tu?

— Pensaria: são bons e meigos, pois que me não batem com um pau, nem me acutilam com uma espada.

— Mas se te dessem com um pau e te acutilassem o que pensarias tu?

— Pensaria: são bons e meigos, porque me não matam.

— Mas se te matassem, o que pensarias tu?

— Pensaria: são bons e meigos, pois me livram d'este corpo miseravel.

— Muito bem, Purna, lhe diz Buddha, tu podes, com a perfeição de paciencia a que chegaste, fixar tua residencia no paiz dos Çronapavantakas; liberta, liberta; chegado á margem d'além faz chegar tu tambem os outros; consola, consola; chegado ao Nirvána completo faz com que os outros cheguem como tu.

Effectivamente Purna passou a residir entre os Çronapavantas e conseguiu com a sua resignação imperturbavel amansar os ferozes habitantes, aos quaes ensinou os preceitos da lei (1).

Ora ahi tem os senhores em que dispara o atheismo buddhico; façam o favor de me dizer, se viram já alguma coisa mais requintadamente mystica! E como esta lenda ha muitas outras ainda, todas da mesma côr do lyrio murcho, ou de rosa secca, velha.

Buddha foi o Luthero do brahmismo, diz-se; mas não se pense que foi elle quem introduziu na religião indiana o exercito dos diabos, do qual parece ser general Mára, o peccador, ou Papizan, o viciosissimo, deus do amor, do peccado e da morte:

Deus do amor, do peccado e da morte! Notaram isto? como se tudo fosse uma e a mesma coisa, quando não ha tal.

— Espiritualmente...

— Espiritualmente... é verdade, não me lembrava d'isso. Pois senhores, continuaremos a nossa peregrinação espiritual, e vejamos se com effeito haveria tambem na religião antecessora do Buddhismo a canzoada dos demonios.

Nos Brahmanas, composições em prosa, destinadas a descrever e explicar os antigos sacrificios (2), lê-se:

«No principio Prajapati só era todo o universo. Prajapati é Bhavata, o que supporta, porque elle supporta o universo inteiro. Prajapati creou as creaturas vivas. Da sua respiração superior creou os deuses e da inferior os homens. Depois d'isso creou a morte, para devorar todas as pessoas vivas. Metade de Prajapati era immortal, e a outra metade mortal; e por essa metade que era mortal elle teve medo da morte (3).»

Depois de Prajapati, que era o supremo regedor do universo... chamar-lhe regedor só, sem mais nada, era desacato, seria amesquinhar muito as suas elevadas funcções; mas regedor supremo é outra coisa: dá a levantada e magestosa idéa de um ministro do reino a manobrar eleições.

Pois senhores; como ia dizendo, immediatamente a Prajapati havia dois senhores conselheiros directores geraes, um dos quaes, o sr. Indros, era chefe dos Devas, Deuses; e outro, o sr. Virocana, chefe dos Asuras, demonios.

Tiveram ss. ex.as a louvavel e rara lembrança de se quererem instruir com Prajapati; porém Virocana não comprehendeu o ensino do mestre, e deu a prégar aos seus *Asuras* que ninguem deve honrar senão a si, á sua pessoa material, nem servir senão a si, e cada um honrando e servindo a sua pessoa ganha este mundo e o outro (1).

Tanto calhou esta boa predica aos srs. Asuras, que deram tambem em segredal-a ao ouvido de toda a gente; e o caso é que grandissimo numero dos ouvintes chega mesmo a fazer concha com a mão, para que não succeda perder-se nem um atomo de tão excellente doutrina.

Como se vê, estes demonios são gente circumspecta, arranjada, e póde até dizer-se que temente a Deus! Sim; pois não é cada um de nós feito á imagem e similhança do Senhor? logo, quem servir e honrar a sua pessoa é quasi o mesmo que resar o terço de joelhos... Boa gente! Boa gente!

Delphim d'Almeida.

(1) Póde ver-se a descripção d'esta festa no livro cit. pag. 387 e seguintes.

(1) *Ibid.* pag. 95 a 97.
(2) Max Müller — *Origem e desenvolvimento da religião*, pag. 285.
(3) *Ibid.* pag. 268.

(1) *Ibid.* pag. 286 e seguintes.

RESENHA NOTICIOSA

Bibliophilo. Falleceu ultimamente no Porto um homem um tanto original, mas benemerito, o dr. João Vieira Pinto. Era um amante dos livros, com quanto não tivesse o gosto pela perfeição dos exemplares, como o conde de Azevedo. Com os poucos recursos que lhe proporcionavam os seus vencimentos, conseguiu reunir cerca de 14:000 volumes. Era porém pouco methodico tanto na compra dos livros, como na sua arromação, devendo ter dois, tres ou mais exemplares de alguns. Succedia muitas vezes nos leilões arrematar uma obra, e em seguida dizer: — *pareceme que tenho isto, veremos* — mas não via. Um dia, morando em uma casa, na Cordoaria, abateu o soalho de uns quartos onde tinha a livraria e soffreu prejuizos n'ella. O dr. João Vieira Pinto tinha sido delegado de saude, lente do instituto industrial no Porto, etc. Entre os seus livros raros deve encontrar-se um exemplar do *Cancioneiro de Garcia de Rezende*, bem que truncado.

vossês agradeçam o bem que se lhes faz. Talvez quizessem ficar para ahi uns ignorantões, para ao depois quando soubessem que a instrucção é uma questão magna, se revoltarem contra mim e me chamarem estupido.

— Olha, a falar a verdade, não te faziam favor nenhum, disse D. Perpetua. Até as creanças estão assustadas! Tu não és um pae, és um papão.

E mettendo o caso á bulha, sacudindo-o, aos encontrões, proseguiu:

— Anda, vae-te embora para cima d'aquelle telhado, deixa dormir o menino o seu somno descançado.

Pelo que a rapaziada rompeu logo n'uma infantil explosão de alegria, desafogando-se doida e insubordinadamente das torturas em que estava mettida, e gritando em côro infernal:

«Ó papão vai-te embora.
Vae para cima do telhado.»

As criadas riam a bom rir, e a cosinheira bisbilhoteira e lesta como um sargento veio á casa do jantar como de costume prompta a metter a sua colherada.

Era um desafôro!

Gilberto fazia esforços por se conservar serio e não dar o seu braço a torcer.

Mas a rapaziada em redor d'elle entontecia-o, sensibilisava-o, e porque não estivesse mais na sua mão, fugiu deixando o campo livre á rapaziada, que se apoderou da ferula e a passeou triumphal e processionalmente entoando um côro de clerigos, e protestando desforrar-se das predicas do papá Gilberto, não o deixando n'aquella tarde dormir a socegada e reparadora sésta, sésta em que elle assobiava pelos narizes as mais extravagantes e exdruxulas arias nazaes.

Foi preciso que D. Perpetua lhes fosse tirar a palmatoria das mãos, e a puzesse sob a sua guarda para que acabasse a festa.

Ainda assim soffreu uma assuada em fórma sendo assaltada pelos filhos que lhe puxavam pelo vestido, deitando-lhe a lingua de fóra, e até batendo-lhe as palmas como a um touro, ao que ella oppunha pachorrentamente a seguinte supplica, pondo as mãos na cabeça, e benzendo-se como quem afugenta o démo.

— Deixem-me, deixem-me!... Ai! que me fazem doida!... Credo, que sinto a cabeça á roda!...

Foi preciso que viesse a Joanna de abano em punho acommodar os meninos, e reprehender a senhora, porque ella não tinha papas na lingua, e não sabia dizer senão a verdade.

D'aquella vez é que metteu deveras a *colherada*.

Foi até ao cabo, sem piedade, uma geribanda mestra.

Mas o caso é que os rapazes acommodaram-se, e Gilberto poude, graças á intervenção da cosinheira, dormir a sua sésta socegado.

Mas afflictivo despertar lhe estava reservado.

Gilberto acordou como as creanças de uma rabugem intoleravel, e foi logo direito á casa do jantar á procura da palmatoria.

— Onde está ella, quem lhe pegou, quem a viu?

D. Perpetua equilibrando se nos bicos dos pés, por detraz d'elle, impunha silencio, levando o dedo ao nariz, como se dissesse:

— Bico, nem pio!

Gilberto barafustava, resmungava, blazonava, e nada de palmatoria.

Tinha-se aberto o chão com ella.

— Ó Joanna, deital-a-ia vossê para o quintal ao sacudir a toalha quando levantou a meza?

Agora é que não valiam a D. Perpetua nem supplicas, nem gestos.

Gilberto tinha dado no vinte.

A que porta havia de elle ir bater?!

Joanna estava já de alcateia amolando o caso, e mortinha por deitar a caixa em terra aos brejeiros dos rapazes, que por serem assim tão maus, lhes tinha uma quezilia que nem os podia ver.

Aquillo foi como um rastilho em barril de polvora secca.

Estourou que nem uma bomba, um obuz, uma peça de artilheria: metralha de grosso calibre.

De mão na cintura e perna á facaia, abriu a bocca e disse:

— Olhe, senhor, eu graças a Deus tenho olhos na cara e o juizo no meu logar; se quer saber da palmatoria, pergunte por ella a seus filhos.

— Que dizes tu, Joanna?

— Digo-lhe isto. Andaram a passeal-a em procissão, e a cantarem, Deus me perdoe, como se levassem aos enfermos o Santissimo Sacramento.

— Cale-se ahi mulher, não diga blasphemias, exclamou d'alli D. Perpetua beliscada nos seus sentimentos religiosos. Ora que lembrança!

Gilberto foi direito aos filhos, mas já não viu nenhum.

(Continúa)

Leite Bastos.

JORNALISTA PUNIDO. O padre Ricklin, redactor da *Union*, periodico catholico da Alsacia-Lorena, acaba de ser condemnado a prisão, por ter sustentado n'aquelle periodico os principios catholicos com que o governo allemão se não conforma. Ha trez annos já forçaram outro redactor d'aquella folha, o padre Spitz, a demittir-se, depois de ter sido condemnado a 2000 francos de multa. Naturalmente quer-se fazer o mesmo ao padre Ricklin, porque o fim dos allemães é protestantisar o paiz. O caso é que os catholicos tambem não podem esperar grande favor dos seus irmãos republicanos francezes.

ISLANDIA. O rei da Suecia passou em França, e segundo se affirma, parece que perguntou ao governo francez, como fizera ao inglez, se não se oppunha a que elle tomasse posse da Islandia. Não percebemos bem isto. Parece-nos que o interesse da raça escandinava é a intima união das trez nacionalidades — Suecia, Noruega e Dinamarca.

MADEIRA. Os disturbios, imprudentemente promovidos n'esta ilha por occasiao das ultimas eleições, já serviram de thema a alguns periodicos estrangeiros, para darem aquella formosa perola do Oceano em estado de efervescencia. Um periodico chega mesmo a dizer, referindo-se ás questões africanas que agitam os espiritos, que a Madeira é já um foco de desordens e alterações; mas que esse é um negocio do sr. Drumont Hay, que em trez annos estará terminado! Reparem bem n'isto, e quem for instigador ou fautor d'estes casos medite na sua responsabilidade presente e futura.

SOCIEDADES DE TEMPERANÇA. Falleceu ultimamente em Londres, José Livesey, fundador da primeira sociedade de temperança em Inglaterra. A sua idéa foi generosa, e o exemplo da sua sufficientemente longa vida, deve animar os seus consocios e aquelles que lhe seguirem as pisadas: José Livesey viveu noventa e um annos.

FALLECIMENTO. Falleceu no dia 7 do corrente no Porto, o sr. Antonio Vieira Lopes, medico-cirurgião pela escola respectiva d'aquella cidade, e auctor de uma *grammatica italiana*, de uma *guia da conversação portugueza e italiana* e de alguns outros opusculos originaes ou traduzidos, entre os quaes cumpre lembrar, pela circumstancia da actualidade, umas *Instrucções para o tratamento que convém applicar aos individuos accommettidos da cholera-morbus asiatica, em quanto não são convenientemente soccorridos por facultativos.*

CALCETAMENTO DE MADEIRA. Vae tomando incremento este systema de calçada, já hoje adoptado em muitas ruas de Londres, de Paris, de Berlim, etc., cujo aceio é superior ao das calçadas de pedra, cujo ruido é muito menor e menos incommodante, e cujo custeio segundo se affirma, é mais facil e menos dispendioso. A madeira melhor para este effeito é a de pinheiro manso da Suecia, que parece resistir melhor ás variações atmosphericas, tendo sido experimentadas, mas sem bom resultado outras madeiras. Em Paris a madeira é injectada, mas em Londres já abandonaram esse processo, com o que, se não obtem maior duração, obtem, ao menos, maior economia.

UM EXPLORADOR FRANCEZ. O sr. Soleillet chegou a Obock, nova estação da França no mar vermelho, vindo de Choa a 8 de agosto, com uma pequena caravana, com marfim entregue pelo rei Menelik, para satisfazer o complemento da divida que havia contrahido Soleillet deveria partir para Aden, a bordo da canhoneira *l'Etandart*, d'onde voltaria á França.

MISSÃO SCIENTIFICA EM AFRICA. O sr. Leão Guiral, antigo quartel-mestre de timoneiro, foi encarregado de uma missão scientifica na Africa equatorial, com o fim de explorar a bacia do rio de S. Bento, ou Eyo.

EXPEDIÇÃO NO EXTREMO DO ORIENTE. Acaba de formar-se em Paris um *grupo* para uma importante exploração commercial franceza no extremo Oriente. A iniciativa partiu do sr. Bran de Sante Pol-Lias, que se dispõe a conduzil-a, principalmente aos portos da Malasia que elle já explorou. Encontrou bom acolhimento e protecção no ministro do commercio, e apoio effectivo em varias summidades commerciaes, e em muitas pessoas importantes que se interessam no desenvolvimento do commercio exterior da França. O pessoal está organisado compondo-se já de um engenheiro metalurgico, outro agricultor, outro commerciante, todos homens conhecidos e importantes. Os estabelecimentos francezes que se propõe crear tem principalmente por fim, negocios commerciaes no Toukim e na Birmania; negocios mineiros em Siam e no Toukim. Compare-se isto com a apathia dos nossos corpos commerciaes, e com a indifferença por que elles correspondem á iniciativa dos que tem ainda coração e alma portugueza.

MOEDAS DE COBRE DO REINADO DE D. PEDRO II QUE RETIRAM DA CIRCULAÇÃO

MONUMENTO. Inaugurou-se em Belfort, ha poucos dias o monumento executado pelo notavel esculptor Mercié, intitulado: *Quand même* (apesar de tudo). Compõe-se de um soberbo e energico grupo representando uma alsaciana, levantando a espingarda, que seu marido guarda movel ferido mortalmente no notavel cerco d'aquella cidade, largára da mão, e com a qual ella se arma para o vingar. As figuras, o gesto, a posisão, que nada tem de amaneirado, inspira em quem contempla aquelle bello grupo, verdadeiros sentimentos de energia e amor da patria.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

SALÕES. *As hesitações da actualidade*, pelo visconde de Ouguella, deposito livraria Ferin. É um livro de critica, escripto com a elegancia e proficiencia que de ha muito distinguem o seu auctor. Este livro merece ser lido com todo o interesse, porque fazendo na generalidade a critica das successivas evoluções politicas que as sociedades tem passado, trata em especial da sociedade portugueza sobre o ponto de vista politico e economico.

INSTRUCÇÕES POPULARES PARA O TRATAMENTO PERSERVATIVO E CURATIVO DO CHOLERA EPIDEMICO, pelo pharmaceutico homœopatha Francisco José da Costa, Lisboa. Um pequeno folheto em que se indica o modo de prevenir e tratar homœopathicamente o cholera.

PAGINAS INTIMAS, por Zeferino Brandão, Samuel F. Baptista, editor, Elvas. O sr. Zeferino Brandão já muito vantajosamente conhecido pela sua importante obra *Monumentos e lendas de Santarem*, acaba de publicar, em segunda edição, um delicioso livro de versos *Paginas intimas*, em que a par de uma grande correcção ha versos de muito sentimento, revelando um verdadeiro talento de poeta. É de esperar que esta segunda edição tenha tão bom acolhimento como a primeira que se esgotou.

ARAGO. *Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos*, David Corazzi, editor. Esta serie de pequenos livros recommenda-se por sua natureza. O n.º 8 trata, como se vê pelo titulo, do grande sabio que enriqueceu as sciencias mathematicas com as suas importantes descobertas.

A VIDA DAS FLORES, fasciculo 36 de 16 paginas e um lindo chromo *Dahlia* O editor d'esta obra o sr. David Corazzi, attendendo aos pedidos de um grande numero de assignantes, resolveu publicar todas as semanas um fasciculo d'esta obra, sendo facultativo aos assignantes a quem não convenha esta alteração, o continuarem a receber fasciculos de 15 em 15 dias, como até aqui.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, sob a direcção de Fernandes Costa, Henrique Zeferino, editor. Fasciculo 68 illustrado com gravuras. Ha n'este fasciculo um importante artigo sobre Madagascar.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, *quarto anno, undecima serie, 1884 — David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas... Numero 86*, trata da *Piscicultura*. Uma das artes mais descuradas em Portugal, ou a que menos conhecem os nossos naturaes, é esta. Apesar da vastidão da nossa costa, e da grande quantidade de rios e ribeiras, de toda a grandeza, que cortam o nosso territorio, ninguem se entrega á cultura dos peixes, isto é á arte de promover a fecundação artificial d'elles, para desenvolver algumas especies mais uteis e aproveitaveis; apenas se pesca o que produz a natureza e por meio de aparelhos em geral ainda muito imperfeitos. É pois muito util o livrinho para o desenvolvimento d'este importante ramo, auxiliador da nutrição do homem.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA — *Lisboa, Imprensa Nacional, 1883*, 4.ª serie, n.ºs 8 e 9. — Comprehendem: *Portugal and the slave trade; Les droits du Portugal; Descoberta de Angola e Congo* (conclusão); *A primeira exposição nacional em Siam*, pelo sr. Henrique Prostes; *O café de Inhambane*, officio do governador do districto d'esse nome Jorge Pinto de Moraes Sarmento; *A ilha do sal de Cabo Verde*, rectificação, pelo sr. J. V. Botelho da Costa; *Excursions aux iles Berlengas et Farilhões*, por J. Daveau, *avec notice zoologique sur ces îles*, por Albert Alexandre Girard; *Uma collecção de aves de Timor*, por J. A. de Sousa, e parte official em que se trata principalmente do problema da adopção de um meridiano universal.

LE ZAIRE ET LES CONTRATS DE L'ASSOCIATION INTERNACIONALE, *conference faite le 21 juin 1884, por C. de Magalhães... Lisbonne, Typ. et Lit. de Adolpho Modesto & C.ª (calçada do Tijolo, 39, á rua Formosa) 1884* — 4.º de 32 pag. O sr. Carlos de Magalhães commandava na costa da Africa a canhoneira *Bengo*, e do que passou em Africa, das suas relações com os indigenas do Zaire, fez uma relação interessantissima, apresentando varios tratados extorquidos pela *Associação internacional africana* (umas vezes com este nome, outras com o de *Expedição internacional do Congo* ou do *Alto-Congo*, outras com o de *Comité de estudos do Congo*, outras ainda *Comité do Alto Congo*, o que não parece dar boa idéa d'um corpo que toma tantos nomes) e mostrando o que ella é e tem feito. Da sua relação vê-se claramente não só que a tal associação, que se diz civilisadora, pratica a escravatura, que nos tem querido attribuir a nós, engana os negros com os taes tratados que elles julgam commerciaes, e que são cedencias de territorios, etc., etc. Felizmente a opinião da Europa vae-se mudando um pouco a respeito da associação e do seu agente Stanley, e não tardará o dia em que justiça nos seja feita, a menos que deixe de ser um principio — a moralidade.

O MONUMENTO DO GENERAL MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA, NA PRAÇA DE D. LUIZ I EM LISBOA. — *Noticia historica por Henrique de Barros Gomes*, vogal da commissão constituida para se erigir o mesmo monumento. — *Lisboa, Typographia Castro & Irmão, 31, rua da Cruz de Pau, 33, 1884*. — 8.º francez de 223 pag. e uma de erratas. É a historia do projecto d'este monumento, e de todas as peripecias da sua execução, até a sua completa e definitiva erecção.

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA — LISBOA